

Apresentação

No texto de Marcos Cândido Mendonça e Carlos Teixeira de Campos Júnior, que abre a seção Artigos do número 1 do volume 15 de GeoTextos, busca-se investigar o fenômeno da modernidade na cidade de Vitória-ES na passagem do século XIX para o século XX, focando os fundamentos ideológicos do processo de modernização que, para os autores, “expressou uma dualidade entre o moderno/novo (o progresso) e o passado/velho (o atraso)”, com reflexos “na reconfiguração do espaço urbano (no traçado urbano, na arquitetura e na infraestrutura), através de diversas intervenções urbanas que visaram a romper com o passado da cidade”. No artigo seguinte, de João Henrique Zöehler Lemos e Igor Catalão, o processo de urbanização também é abordado sob uma perspectiva socioespacial, mas buscando-se relacionar produção energética, justiça espacial e urbanização extensiva em quatro cidades pequenas, localizadas nas adjacências das usinas Barra Grande e Itá (Anita Garibaldi e Itá em Santa Catarina; Pinhal da Serra e Aratiba no Rio Grande do Sul): os autores concluem, a partir dos dados obtidos em campo, que “tanto no lado catarinense, através de Anita Garibaldi e Itá, quanto no sul-rio-grandense, em Pinhal da Serra e Aratiba, observam-se disparidades quanto às alterações e novas realidades trazidas pela implantação das usinas hidrelétricas, ainda que haja diferenças notórias de níveis entre as cidades próximas à UHE de Itá – mais bem equipadas e com melhor infraestrutura – e aquelas adjacentes à UHE de Barra Grande – mais precárias”. Já Karine Almeida Paula, no terceiro texto da seção, quer analisar o processo de verticalização na zona central de Viçosa-MG e sua relação com as expansões da Universidade Federal homônima (UFV): com sua pesquisa, a autora busca destacar a relação

direta existente entre o processo de verticalização na cidade mineira e os planos de expansão e reestruturação da instituição federal. No artigo que se segue, de Márcio José Mendonça, o recorte é metropolitano e a análise recai sobre a Geografia do policiamento aéreo, analisando-se o processo de militarização do policiamento aéreo em curso no Brasil a partir de estudos exploratórios em cinco metrópoles (Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Brasília e Porto Alegre); partindo da consulta em jornais e mídias sociais, de um documentário sobre aviação policial e de uma entrevista com um grupo de moradores de um dos bairros de Vitória (ES), onde os helicópteros da polícia operam, conclui-se que “a política de segurança pública no uso da aviação policial no Brasil atua, como um todo, no sentido de suprimir a rua como um conceito de convivência e manifestação política, transformando as vias públicas em áreas de exceção e os bairros populares em campos de batalha, onde os moradores ficam, quase sempre, no meio da fuzilaria entre traficantes e policiais”. A aviação e o espaço aéreo são também objetos de pesquisa e análise no quinto artigo da seção: no texto, Roberto Hudson Barros vai destacar “alguns aspectos da gestão do ambiente regulatório da aviação civil brasileira, contemplando a transição ocorrida na regulação estatal, que estava a cargo do Departamento de Aviação Civil – DAC, para a Agência Nacional de Aviação Civil – Anac, em 2006, considerada a principal alteração sucedida no setor”; segundo o autor, evidencia-se que, no Brasil, “a dialética capital-Estado se fez presente na constituição, nas políticas, nos investimentos, nos incentivos, na expansão e nos rumos do setor aéreo, sobretudo durante o período no qual a aviação civil esteve nas mãos dos militares, no âmbito do extinto DAC”. No texto seguinte, Gustavo Souza Barbosa parte da hipótese da validade das reflexões de Celso Furtado para a compreensão do subdesenvolvimento na Microrregião da Mata Meridional Pernambucana, “constituída desde o período colonial a partir da indústria canavieira e que, na atualidade, mantém padrões de subdesenvolvimento típicos daquela fase”, concluindo que, tendo em vista as características histórico-estruturais locais, as reflexões de Furtado ainda são válidas e “aplicáveis à compreensão da permanente, mas não inalterável, situação de subdesenvolvimento socioeconômico” do espaço microrregional em questão. No sétimo artigo da seção, Fernanda Cunha

de Carvalho vai analisar as políticas públicas e a governança territorial do turismo no estado do Maranhão, recorrendo a pesquisas em documentos elaborados pelo Ministério do Turismo e pela Secretaria de Turismo do estado do Maranhão, bem como à realização de entrevistas com agentes dos Conselhos Turísticos e das Instâncias de Turismo; com sua investigação, a autora vai identificar a fragilidade da formação de um bloco socioterritorial e a inexistência/a ineficácia na constituição de processos de concertação público-privados, “culminando na negação de uma política de desenvolvimento endógeno e minando, por consequência, a formação de um projeto de mudanças estruturais”. No artigo que se segue, Rodrigo Silva Lemos e Antônio Pereira Magalhães Junior analisam o processo histórico de uso e ocupação da bacia hidrográfica do alto Rio das Velhas e suas implicações para a dinâmica de qualidade e quantidade das águas, destacando seu papel enquanto manancial para o abastecimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte; com sua pesquisa, os autores vão identificar três momentos de ocupação, que “geraram significativos impactos para a dinâmica fluvial, mas com intensidades e formas bastante diferenciadas”, destacando que os “impactos se tornam ainda mais complexos ao se considerar a função da bacia enquanto manancial metropolitano, responsável pelo abastecimento de água para mais de 1.8 milhão de pessoas”.

Os dois últimos artigos da seção têm em comum uma abordagem de Geografia Física: com suas pesquisas, Nathan Felipe da Silva Caldana e Alan Carlos Martelócio se propuseram a identificar a gênese, a frequência e a intensidade de precipitações de granizo nas Mesorregiões Centro Oriental e Sudeste Paranaense, “fornecendo suporte para o planejamento e a tomada de decisões preventivas de combate ao impacto desse fenômeno”; com base nos dados coletados e analisados, os autores vão constatar “que os eventos de granizo nas mesorregiões analisadas são pontuais e têm grande variabilidade devido à latitude, à longitude, à variabilidade pluviométrica e ao relevo. Os locais com grande discrepância na altitude em curta distância, principalmente nas vertentes norte e sul das regiões, foram os mais atingidos por esse tipo de fenômeno”. Finalmente, no artigo seguinte, Paula Mirela Almeida Guadagnin e Romario Trentin pretenderam “demonstrar a relação existente entre a configuração do relevo e a distribuição da

vegetação florestal na Serra do Caverá, na região sudoeste do Rio Grande do Sul”, se utilizando de uma classificação do relevo da área de estudo, realizada com base nos *Geomorphons*; como resultado de sua análise, os autores constataram “que a vegetação florestal ocorre com maior frequência em seis dos dez elementos de *Geomorphons* estudados, em ordem de maior relação, as bases de encostas, os elementos fosso, plano, vale e também os elementos escavado e ressalto”.

Boa leitura!

Angelo Serpa
Editor Responsável